



NASCER, O EXÍLIO

Artur de Vargas Giorgi¹

Em 1971, clandestino em seu próprio país, após ter vivido as tensões do golpe militar de 1964, quando então era presidente do Centro Popular de Cultura (CPC), criado pela União Nacional dos Estudantes (UNE)² em 1961, e depois de ter sido perseguido, desde 1968, quando foi assinado o Ato Institucional n° 5 e a repressão à esquerda tornou-se mais intensa, um homem de nome José Ribamar Ferreira, chamado Ferreira Gullar, partiu para o exílio – Moscou, Santiago, Lima, Buenos Aires –, como tantos outros que se encontravam em semelhante situação, exílio este que, no seu caso, duraria até 1977.

Este é o contexto que desencadeia a presente leitura. Em um primeiro momento, imediatamente, poderia ser dito: há um homem que se vê arrancado do seu solo, obrigado a deixar o país ao qual pertence por nascimento e afeto, até que o retorno em segurança seja possível. No entanto, proponho aqui, de outro modo, pensarmos – neste momento, ao menos – um exílio desde sempre começado. Bem antes até da clandestinidade, situação “em que se procura anular a própria identidade física para que o íntimo da pessoa consiga sobreviver num dia-a-dia muito diminuído”, como definiu Davi Arrigucci Jr.³ em sua resenha de *Rabo de Foguete*, livro de memórias publicado por Gullar em 1998. Sempre começado, então, o exílio como condição de existência, espécie de “deportación sin retorno”, para utilizar as palavras de Jean-Luc Nancy⁴.

Para tanto, parto de um poema publicado em *Dentro da noite veloz*, livro de 1975 que trazia poemas escritos por Ferreira Gullar nos últimos treze anos, desde 1962, portanto. E sem que esqueçamos: em 1975, o poeta ainda estava em Buenos Aires, ameaçado não só pela ditadura brasileira, mas também pela da Argentina, e lá, nesse mesmo ano, ele escrevia o seu *Poema sujo*, que seria publicado no Brasil em 1976, com Gullar ausente. Desse livro, *Dentro da noite veloz*, que de certa forma acompanha o movimento da saída, o poema que eu agora leio chama-se “Exílio”:

Exílio

¹ Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (UNAERP-SP) e licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literatura (UFSC). Faz mestrado em Teoria Literária (UFSC), com pesquisa a partir de relações entre reprodutibilidade técnica e modernidade brasileira. É bolsista do CNPq – Brasil.

² Para informações a respeito da relação de Ferreira Gullar com o CPC da UNE, bem como para um breve panorama das atividades desenvolvidas pelo Centro, de 1961 a 1964, conferir a entrevista que o poeta concedeu a Carla Siqueira, em 03 de novembro de 2004, disponível em arquivo no site Memória do Movimento Estudantil (www.mme.org.br/) através da página “Depoimentos”. Acesso: 21 maio 2010.

³ ARRIGUCCI JR., Davi. *Tudo é exílio*. Folha de São Paulo, Jornal de Resenhas, São Paulo, 14 nov. 1998, s/p.

⁴ NANCY, Jean-Luc. *La existencia exiliada*. Traducción: Juan Gabriel López Guix. Revista Archipiélago, Barcelona, n. 26/27, invierno 1996, p. 37.



Numa casa em Ipanema rodeada de árvores e pombos
na sombra quente da tarde
entre móveis conhecidos
na sombra quente da tarde
entre árvores e pombos
entre cheiros conhecidos
eles vivem a vida deles
eles vivem minha vida

na sombra da tarde quente
na sombra da tarde quente⁵

Há ecos nesse poema, sons que retornam; mas, imperfeitos, eles trazem outros sentidos. Digamos: entre a sombra quente da tarde e a sombra da tarde quente há todo um deslocamento possível, e as coisas conhecidas, mesmo que capturadas pela escrita que as faz tão próximas, reverberam no papel e apontam para uma diferença espacial e temporal a partir da qual o sentido e o sentimento de familiaridade escapam para além do que o poeta e o poema são capazes de dizer, isto é, adquirem pela distância a marca do desconhecimento mesmo. Com isso, esse terreno familiar – configurado pela casa, pelo que ela abriga e pelo que a rodeia – deriva estranho, impreciso apesar de toda a sua propriedade e reconhecimento, ou em outras palavras, ele se apresenta em movimento de saída, como se familiar fosse a própria impossibilidade de apropriação. É nesse sentido, então, que leio o título “Exílio”: um movimento de saída em que *o sentido é na saída*. Mas retorno por um momento às considerações de Davi Arrigucci Jr.

Em *Tudo é exílio*, como dito, lendo as memórias de Ferreira Gullar, o autor propõe que na clandestinidade a identidade física deve ser anulada para que sobreviva o íntimo do indivíduo. Para Arrigucci Jr., portanto, há uma fronteira bem marcada entre o interior e o exterior do corpo, do território, com o que se pode intuir, conseqüentemente, que toda relação que implique o homem corra o risco de restar simplificada na oposição forçada entre o dentro *ou* o fora (lógica que se estenderia, ainda, em oposições como sujeito *ou* objeto, próprio *ou* impróprio, direita *ou* esquerda, democracia *ou* totalitarismo, etc.), anulando assim a complexidade dos contatos que constituem a indecidibilidade contemporânea e qualquer possibilidade de leitura do abandono⁶. Tal postura também está evidenciada no seguinte trecho, no comentário a um episódio da vida e do livro de memórias de Gullar, pelo viés do nome próprio. Diz Arrigucci Jr.:

⁵ GULLAR, Ferreira. Dentro da noite veloz. In: _____. *Toda Poesia*. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 221.

⁶ Giorgio Agamben, em *Homo Sacer*, situa o ponto indiscernível daquele que foi banido: “Aquele que foi banido não é, na verdade, simplesmente posto fora da lei e indiferente a esta, mas é *abandonado* por ela, ou seja, exposto e colocado em risco no limiar em que vida e direito, externo e interno, se confundem”. AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 36.



A crítica literária brasileira, como o país, tem muitas dívidas; uma das maiores é com o autor em questão. Ele não é Ribamar Pereira, não é José Ribamar nem sequer José Ribamar Ferreira. Todos podem ser bons brasileiros e até ter parte com o santo adorado no Maranhão, S. José do Ribamar, mas nenhum é Ferreira Gullar, um grande poeta do Brasil e um de seus cidadãos mais dignos.

O primeiro nome confundiu o poeta, no início da carreira, com um confrade de sua terra natal, levando-o a usar o pseudônimo; o equívoco com o último decidiu-lhe em parte o destino, retratado em “Rabo de Foguete”: de volta ao Brasil, Gullar se dá conta de que o processo que tanto peso tivera em sua vida não era o seu, mas o de um líder camponês maranhense, que se ligou à luta armada.⁷

O que a vida e a história insinuaram nessa situação sem dúvida irônica – essa espécie de impropriedade que se instala no cerne do nome próprio, para dizer o mínimo –, Davi Arrigucci Jr. limitou pelo meio único do pertencimento identitário e hierarquizante que – parece – deve ser a todo custo mantido. O mesmo pertencimento que, no extremo e com grande risco, move o imaginário belicista, a exceção e as políticas de fronteira.

Destaco que não se trata, evidentemente, de generalizar ou, quanto menos, de anular a singularidade que constitui a experiência e a vida de Ferreira Gullar – sobretudo não se trata de banalizar seu sofrimento, suas perdas –, mas sim de potencializar nessa mesma vida sua condição de existência, condição de *extranhamento* do íntimo e de *entranhamento* do exterior, por assim dizer, sem que a oscilação entre essas forças se equilibre⁸. O que deve ser mantido é realmente o ponto inapropriável, essa condição de estranhamento diante do mundo, isto é, de espanto, em que o nome José Ribamar Ferreira (tanto quanto o nome Ferreira Gullar), próprio, singular, teria sua propriedade no movimento de apresentação de cada singularidade possível de ser nomeada para além dele, ainda que homonimamente, em cada nome que não se repete.

Em outras palavras, trata-se de compor no singular do nome o seu plural. O que é dar nome a uma dificuldade, sem dúvida, mas que não pode ser recusada, já que reside nessa dificuldade, em sua resistência, a possibilidade mesma de um pensamento que diga algo da contemporaneidade. Jacques Derrida, a propósito da morte de Roland Barthes, coloca nas seguintes palavras, logo inicialmente no seu texto, o desafio de pensar a singularidade do nome. O título do texto que agora cito é *Las muertes de Roland Barthes*:

¿Cómo hacer concordar este plural? ¿Con qué? Esta pregunta se escucha también como la música. Con una docilidad confiada, el plural parece mantenerse aun en medio de ese abandono que advierto en él: un orden después del comienzo, con una frase inaudible, como un silencio interrumpido. Sigue un orden, sí; incluso

⁷ ARRIGUCCI JR., Davi, *op. cit.*, s/p.

⁸ Jean-Luc Nancy retoma o existir/ek-sistir (a partir de Heidegger) em diversos trabalhos. Cito de *Infinita finitud*, apenas, o seguinte trecho: “A esto se le llama *existir*. Existir transita la esencia (su ‘propria’): la atraviesa, la transporta fuera de sí (pero no habrá habido un ‘adentro’), y para empezar, y por ejemplo, deporta la esencia de su generalidad y de su idealidad hasta este estatuto barroco, paradójico, de ‘esencia singular’ (o de *infima species*) que Leibniz quería reconocerle a la individualidad (conversión o convulsión de un pensamiento de la esencia en pensamiento de la finitud). El singular como esencia es la esencia existida, ek-sistida, expulsada de la esencia misma, desenquistada de la esencialidad, y ello, una vez más, antes de que el quiste se haya formado”. NANCY, Jean-Luc. *Infinita finitud*. In: _____. *El sentido del mundo*. Traducción: Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: La Marca, 2003(a), p. 57.



obedece, se somete a lo dictado. Se pregunta. Y yo, cuando me someto a prescribir un plural para esas muertes he debido doblegarme ante la ley del nombre. No hay objeción que permita resistirse, ni el pudor después del momento de una decisión intratable y puntual, el tiempo casi nulo del disparador: habrá sido de esa manera, únicamente, de una vez por todas. Y, sin embargo, apenas puedo soportar la mera aparición de un título en este lugar. Hubiera bastado el nombre propio. Solo y por sí mismo también dice la muerte, todas las muertes en una. Es así incluso cuando su portador está aún vivo. Mientras tantos códigos y ritos buscan despojarnos de este privilegio terrorífico: el nombre propio por sí mismo declara enérgicamente la desaparición de lo único, quiero decir, la singularidad de una muerte incalificable (esta última palabra, “incalificable”, resuena ahora como una cita de Roland Barthes que habré de releer más tarde). La muerte se inscribe en el nombre mismo para dispersarse de inmediato. Para insinuar una extraña sintaxis –en el nombre de uno solo, responder a muchos.⁹

A essa dificuldade da morte, dificuldade do nome, o nome próprio responde, singularmente, a muitos, por muitos. É a condição excepcional do nome, sua grandiosidade, condição que se chega a constituir-se enquanto verdadeira delimitação (vida ou morte capturadas no nome), só o faz através da apresentação da ausência do seu fundamento, da *exposição* do fundamento (vida ou morte escapam na borda do nome), como parece propor Nancy no texto *Alguno*:

Cada uno propone *un* ejemplar, si se quiere, pero lo expone, cada vez, en cuanto ejemplar, en el sentido de un modelo destacable. Lo que resulta ejemplar cada vez, lo que da ejemplo, es la singularidad misma, en tanto ella no es jamás más que *ese-aquí* o *ese-allá*, inimitable en el seno mismo de su ser-cualquiera.

Eximo (*exemptum*, *exemplum*) significa poner aparte, retirar, también privilegiar. El ejemplo es elegido y puesto aparte para presentar alguna cosa grande, excepcional. Aquí, lo que es ejemplificado es la excepción de la singularidad –en tanto ella también constituye la regla banal de la multiplicidad. Pero una tal regla, como es debido, no tiene otra instancia más que sus casos de excepción y de ejemplaridad. El ejemplo, aquí, no vuelve a enviar a una generalidad o a una universalidad –a algún ‘existente ideal’–, no vuelve a enviar más que a sí misma, o al mundo en tanto mundo de ejemplos, en tanto mundo del retiro de singulares en su exposición misma¹⁰

Arrigucci Jr. ainda se refere ao exilado nas palavras que seguem. Ele vê nas condições históricas da contemporaneidade a possibilidade de o mundo converter-se em inferno. E lamenta-se da dissolução do ser frente ao infinito:

O resumo do essencial se torna um meio artístico para dar com o cerne duro da experiência histórica, feito no caso de dor, solidão e desespero, na própria intimidade do ser à parte que é o exilado. Na verdade, o exílio chama a atenção para a condição histórica do homem contemporâneo, sujeito ao desgarramento num inferno em que pode de repente virar o mundo todo. Aumentam os espaços e cresce a desolação do ser, dissolvendo-se frente ao infinito.¹¹

O “ser” tem sua existência encerrada sempre que colocado sob a lógica da infinitude, da eternidade – da permanência. Mas abre-se um vir-a-ser possível quando lembramos que o ser somente é em sua finitude presente, e que no espaçamento se dá essa singularidade de cada ser. Ou seja, o desgarramento, a separação é necessária para o ser existir. Davi Arrigucci Jr. parece não ver no exílio essa abertura para a desarticulação do inferno que ele tanto teme. Jean-Luc Nancy,

⁹ DERRIDA, Jacques. *Las muertes de Roland Barthes*. Traducción: Raymundo Mier. México, D. F.: Taurus, 1999, s/p.

¹⁰ NANCY, Jean-Luc. Alguno. In : _____. *El sentido del mundo*. Traducción: Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: La Marca, 2003(b), p. 118.

¹¹ ARRIGUCCI JR., Davi, *op. cit.*, s/p.



contudo, dá força a esse outro pensamento e o leva a um ponto em que, com ele, podemos ao menos dar passagem para essa espécie de clandestinidade, de anonimato ou de exílio como forma-de-vida, de existência. Cito seu texto *La existencia exiliada*:

Quizá nos es dado pensar –don difícil, oscuro, como todo lo que es posible pensar– algo de un exilio que sea él mismo lo propio, sin dialectización [...]. En efecto, la existencia como exilio, pero no como movimiento fuera de algo propio, a lo que se regresaría o bien, al contrario, a lo que sería imposible regresar: un exilio que sería la constitución misma de la existencia, y por lo tanto, recíprocamente, la existencia que sería la consistencia del exilio.

Así pues es el *ex*, ese mismo *ex* del exilio y la existencia, lo que sería o lo que haría lo propio, la propiedad de lo propio. No una existencia exiliada (y, por lo tanto, tampoco un exilio existencial), sino una propiedad en tanto que *ex*. Es esta extraña propiedad –esta propiedad de extrañamiento, habría que decir– lo que constituye el fondo del primer pensamiento de Heidegger y, más allá, lo que inquieta y moviliza lo esencial del pensamiento contemporáneo. Se trata entonces de pensar el exilio, no como algo que sobreviene a lo propio, ni en relación con lo propio –como un alejamiento con vistas a un regreso o sobre el fondo de un regreso imposible–, sino como la dimensión misma de lo propio. De ahí que no se trate de estar “en exilio en el interior de sí mismo”, sino ser sí mismo un exilio: el *yo* como exilio, como apertura y salida, salida que no sale del interior de un *yo*, sino *yo* que es la salida misma. Y si el “a sí” adopta la forma de un “retorno” en sí, se trata de una forma engañosa: porque “yo” sólo tiene lugar “después” de la salida, después del *ex*, si es que puede decirse así. Sin embargo, no hay “después”: el *ex* es contemporáneo de todo “yo” en tanto que tal.¹²

Tais palavras sem dúvida já bastariam para uma nova aproximação. Contudo, ainda é preciso diferenci-las. Continuo citando Nancy:

Si lo propio es exilio, su dimensión de propiedad podría denominarse quizá “asilo”. El campo de concentración es lo contrario del asilo. El campo es el exilio como despropiación. Sin embargo, el asilo es el exilio como propio: el asilo de la hospitalidad, por ejemplo, del que hablaba Cacciari. El asilo es el lugar de quien no puede ser atrapado (es el sentido del griego *ásylos*: aquel que no puede convertirse en presa, en botín). Pensar el exilio como asilo –y no como campo de deportación–, es justamente pensar el exilio como constituyendo por sí mismo la propiedad de lo propio: en su exilio, está al abrigo, no puede ser expropiado de su exilio.¹³

Um exílio sempre começado. Lugar e tempo do *ex*. Em cada cidade, cada homem. De modo que o exílio de Ferreira Gullar, nesse sentido, nunca tenha tido retorno. De modo que esteja em seu corpo, como no meu e no de todos nós, agora. Corpo, “exterioridad en la cual la ‘interioridad’ se ve, ante todo y de modo esencial, expuesta: planteada fuera, planteada como fuera”, diz Nancy¹⁴. Que o exílio então não esteja em outra parte senão com o corpo, “que el cuerpo es el exilio y el asilo en el que algo así como un ‘yo’ viene a quedar expuesto, es decir, a ser”¹⁵. E de modo que, assim asilado, esteja singularmente, exemplarmente, no pensamento que nos cabe, hoje, talvez quase como impensável, mas que exatamente por isso deve – por um momento ao menos – ser pensado enquanto vida possível: nascer no exílio; *nascer, o exílio*.

¹² NANCY, Jean-Luc. *La existencia exiliada*. Traducción: Juan Gabriel López Guix. Revista Archipiélago, Barcelona, n. 26/27, invierno 1996, p. 37-38.

¹³ NANCY, Jean-Luc, *op. cit.*, p. 38.

¹⁴ NANCY, Jean-Luc, *op. cit.*, p. 38.

¹⁵ NANCY, Jean-Luc, *op. cit.*, p. 38-39.



Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Tudo é exílio*. Folha de São Paulo, Jornal de Resenhas, São Paulo, 14 nov. 1998, s/p. Disponível em:

<http://literal.terra.com.br/ferreira_gullar/biobiblio/tudo_e_exilio.shtml?biobiblio#topo>. Acesso em: 21 maio 2010.

DERRIDA, Jacques. *Las muertes de Roland Barthes*. Traducción: Raymundo Mier.

México, D. F.: Taurus, 1999. Disponível em:

<<http://www.jacquesderrida.com.ar/textos/barthes.htm>>. Acesso: 21 maio 2010.

GULLAR, Ferreira. Dentro da noite veloz. In: _____. *Toda Poesia*. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 153-230.

_____. *Rabo de foguete*. Os anos de exílio. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

NANCY, Jean-Luc. *La existencia exiliada*. Traducción: Juan Gabriel López Guix. Revista Archipiélago, Barcelona, n. 26/27, p. 34-39, invierno 1996.

_____. Infinita finitud. In: _____. *El sentido del mundo*. Traducción: Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: La Marca, 2003(a), p. 55-59.

_____. Alguno. In: _____. *El sentido del mundo*. Traducción: Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: La Marca, 2003(b), p. 111-120.